COMFILOTEC

Revista da Graduação da
Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM
ANO 12 | VOL. 12 | FLUXO CONTÍNUO | 2026 |ISSN: 2446-5569

"Breaking News"

Os efeitos da aceleração social do tempo no jornalismo brasileiro

Felipe Medeiros Silva[1]
Victor Nogueira Fernandes[2]
Marcella Schneider Faria Santos[3]

Resumo

O artigo analisa como a aceleração digital e social transformou o jornalismo, destacando a pressão por velocidade, o consumo rápido de notícias e o risco de descontextualização da informação. A partir de uma revisão bibliográfica, os autores percebem que a lógica do imediatismo, reforçada por redes sociais, celulares e práticas como o "fetiche do furo" e os "pseudo eventos", resulta em conteúdos superficiais e efêmeros. Em contraponto, o jornalismo lento surge como resistência à "dromocracia" (TRIVINHO, 2007 apud PRAZERES, 2021), valorizando qualidade, profundidade e vínculos com o público. Para analisar esse fenômeno no contexto brasileiro, foi realizada a observação e análise do portal g1 e o site da Revista piauí, com o fim de identificar elementos "velozes" e "lentos" em seu formato e suas publicações. Após a análise, foram identificados aspectos do jornalismo lento em ambos os veículos; mas estes prevalecem na piauí, enquanto o g1 opera em um modelo predominantemente acelerado.

Palavras-chave

Aceleração Social do Tempo; Dromoresistência; Jornalismo Lento; Longform; Midiatização.

[1] Aluno do 8° semestre do curso de Jornalismo da FAPCOM. Realizou Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa Mídia, Linguagem e Sociabilidade na Era Digital.
[2] Aluno do 8° semestre do curso de Jornalismo da FAPCOM. Realizou Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa Mídia, Linguagem e Sociabilidade na Era Digital.
[3] Orientadora desta Iniciação científica. Professora da FAPCOM, coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídia, Linguagem e Sociabilidade na era digital.

ANO 12 | VOL. 12 | FLUXO CONTÍNUO | 2026 |ISSN: 2446-5569

Introdução

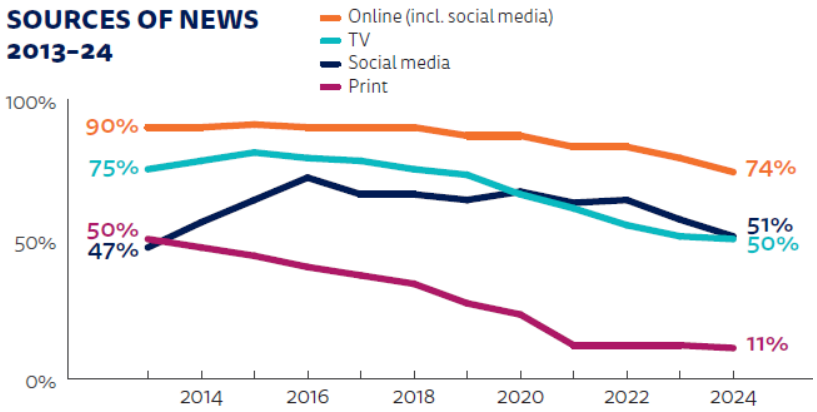
Em *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* (2002), transcrição de uma conferência realizada pelo filósofo e pedagogo espanhol Jorge Larossa Bondía em 2001, ele afirma que

> o periodismo não é outra coisa que a aliança perversa entre informação e opinião. O periodismo é a fabricação da informação e a fabricação da opinião. E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. (LAROSSA BONDÍA, p. 22)

Duas décadas depois da publicação destas palavras, tanto o jornalismo ao qual ele se referia quanto a sociedade na qual ele existe e que ele tanto retrata quanto influencia sofreram grandes transformações. A frequência e os meios pelos quais as pessoas se informam cresceram de forma exponencial - e dessa forma, se a crítica de Larossa deve ser levada em consideração, os efeitos alienantes do par informação/opinião se propagaram igualmente.

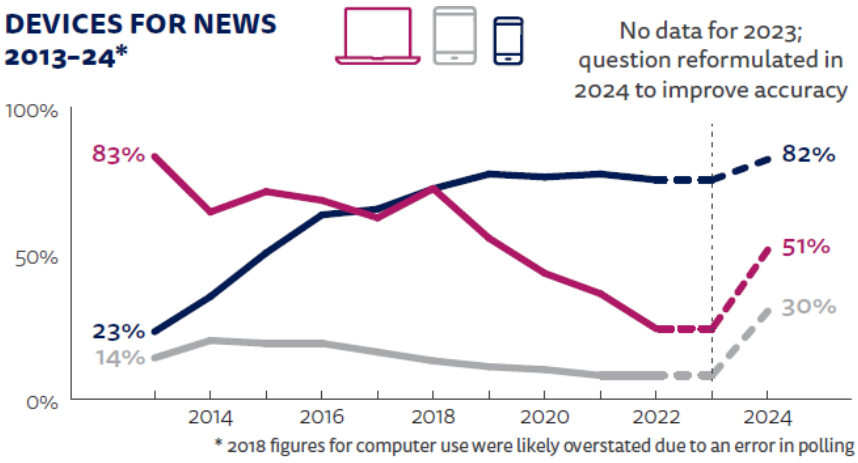
De acordo com o Relatório de Notícias Digitais de 2024 do Instituto Reuters, em um levantamento sobre as principais fontes de notícias utilizadas pelos brasileiros na última década, a maior parte da amostragem (74%) indicou que consulta notícias online (Figura 1). Destes, 51% o fazem por meio das redes sociais. Para efeitos de comparação, esse é praticamente o mesmo número equivalente à parcela de pessoas que vê notícias pela TV, e é cinco vezes maior do que a porção que o faz pela mídia impressa. Nos mesmos dez anos considerados pela pesquisa, a quantidade de pessoas que utilizam o celular para consultar notícias quadruplicou: foi de 23% para 82% (Figura 2).

Figura 1: Fontes utilizadas na consulta de notícias no Brasil



Fonte: Digital News Report 2024/Reuters

Figura 2: Dispositivos utilizados para consulta a notícias em mídia digital no Brasil



Fonte: Digital News Report 2024/Reuters

Estes dados sinalizam uma transformação significativa do paradigma jornalístico, que depois de transitar por diversos suportes desde sua concepção, chega agora a um modelo extremamente afinado a alguns dos seus elementos mais essenciais, como a instantaneidade e a efemeridade: o dos dispositivos móveis.

De acordo com Sousa (2006), “há evidência suficiente para afirmar com certeza que os dispositivos tecnológicos influenciam o processo jornalístico”. Por um lado, esses recursos facilitaram a edição e a revisão de textos; ampliaram o trabalho a distância; modificaram os processos de socialização profissional nas redações; aumentaram o acesso do público a dados e viabilizaram uma maior diversidade de possibilidades narrativas (com vídeos e infográficos, por exemplo). Porém, a mobilidade possibilitada pelos dispositivos digitais, especialmente os smartphones, também intensificou o ritmo de produção e circulação das notícias, promovendo a fragmentação das audiências e uma sobrecarga informacional.

No entanto, quando combinados com a simultânea ampliação de uma lógica da velocidade em todas as esferas sociais – um fenômeno teorizado pelo sociólogo alemão Hartmut Rosa como "aceleração social do tempo" (ROSA, 2019 apud TERUEL; PRIOR, 2021) - o jornalismo se tornou sinônimo de urgência generalizada e irrestrita.

Com o fim de elaborar uma base teórica para nossa investigação sobre esse fenômeno e seu impacto na área, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos acadêmicos publicados sobre o tema no Brasil na última década. A partir dessa investigação, definimos como pontos centrais da pesquisa, além da aceleração do tempo social, o movimento conhecido como “jornalismo lento”, assim como a relação entre os dois.

O jornalismo lento surge justamente como uma crítica à cultura da velocidade que domina o ambiente digital e a prática jornalística contemporânea. Ele não se trata de uma lentidão absoluta, mas de uma atitude ou postura de desaceleração em relação à pressa e à agilidade naturalizadas (PRAZERES, 2021). O "lento" se relaciona com aspectos como consistência, precisão, profundidade e reflexividade, que são subjetivos e relativos a contextos. De acordo com Prazeres, "desacelerar não é necessariamente ir devagar, mas sim questionar-se quando a velocidade faz sentido".

Para compreender o impacto desses fenômenos no caso brasileiro, além do aproveitamento de referências adquiridas no curso da graduação - como as contribuições de Stig Hjardvard a

respeito da midiatização -, foram utilizadas bases de dados como o Google Acadêmico e Scielo, de perfil mais geral; os sites de instituições como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber) focados em pesquisas na área da Comunicação; e ainda o repositório de publicações da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), dedicado especificamente a pesquisas no campo do Jornalismo.

A partir do uso de palavras-chave e termos centrais para a pesquisa, como Jornalismo Lento, Aceleração Social e Midiatização, foi elaborada uma relação de 14 artigos que demonstraram dados pertinentes para a análise proposta nesta pesquisa. Depois de uma leitura aprofundada desses textos, 6 deles foram selecionados e um corpo teórico foi elaborado a partir das relações entre os conceitos neles investigados.

A aceleração social do tempo e suas consequências no Jornalismo

Hartmut Rosa descreve a aceleração social do tempo como uma característica impulsionadora da modernidade, que não se restringe à técnica, mas altera as estruturas temporais da sociedade e as subjetividades individuais. Ele delimita três dimensões centrais da aceleração:

- Técnica: Inovações que encurtam o tempo de produção, transporte e comunicação. Essa forma de aceleração é a mais simples de ser medida e verificada, e já foi abordada por teóricos como David Harvey (1992 apud TERUEL; PRIOR, 2021), com a "compressão do tempo-espaço", e Paul Virilio (1996 apud TERUEL; PRIOR, 2021), com sua interpretação "dromológica" da Revolução Industrial.
- Dos Movimentos Sociais: A velocidade com que práticas, orientações de ação e estruturas sociais se modificam. Essa dimensão pode ser definida como um aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que podem ser determinados como presente para cada esfera funcional,

de valor e de ação. Por exemplo, a internet alcançou 50 milhões de conexões em apenas quatro anos, um feito que a televisão levou treze anos e o rádio, 38 anos.

- Do Ritmo da Vida: O aumento da frequência de ações e vivências por unidade de tempo, gerando uma sensação de falta de tempo e estresse. Subjetivamente, essa aceleração se manifesta como pressão temporal e a "estressante obrigação da aceleração" (ROSA, 2019 apud TERUEL; PRIOR, 2021), além do medo de não conseguir acompanhar o ritmo.

A aceleração social não é causada apenas pela tecnologia, que é vista como uma condição facilitadora do processo. Em vez disso, Rosa sugere a existência de três “motores externos” que impulsionam e alimentam essas três categorias de aceleração até que elas se tornem um sistema autopropulsionado. De acordo com Guedes (2024), os motores identificados por Rosa se configuram da seguinte maneira:

- Econômico: Frequentemente resumido como "o tempo é dinheiro". Este motor funciona sob a lógica capitalista que expressa o tempo como um bem escasso, ligado à eficiência temporal da produção em indústrias inseridas no capitalismo concorrencial, comprimindo o tempo para aumentar a capacidade produtiva e o lucro.
- Cultural: Também chamado por Rosa de "promessa de eternidade". Este motor está ligado à transição de uma concepção religiosa para uma secular e demasiadamente econômica, na qual o poder monetário permite ao indivíduo expandir e realizar o maior número de possibilidades oferecidas pelo mundo, buscando "viver a vida intensamente". Este motor é impulsionado pelo desejo permanente de aumentar a disponibilidade, alcançabilidade e acessibilidade em relação ao mundo, e pelo medo de cair em um abismo ou se tornar anacrônico se não acompanhar o ritmo.
- Socioestrutural: Funciona através da ordenação temporal de ações e decisões. Este motor descreve como o sistema social, sendo uma ordem dinâmica, é orientado a uma ordenação ininterrupta e leva à multiplicação de esferas nas quais os indivíduos devem "correr", resultando na explosão das expectativas legítimas (a lista crescente de coisas que se sente a obrigação de fazer).

Essas dimensões, juntas, comprimem o presente e pressionam por ciclos noticiosos (e de vida) superficiais. Uma das consequências diretas é o presentismo, que diminui o sentido histórico em favor de um horizonte restrito ao agora. Elton Antunes (2007 apud TERUEL; PRIOR, 2021) afirma que o presentismo teria raízes em um fenômeno de percepção difusa da diminuição do sentido histórico em favor de um horizonte restrito somente ao presente, o que leva à descontextualização e fragmentação da informação.

Os efeitos da aceleração social do tempo no jornalismo contemporâneo

O jornalismo, ao abraçar a lógica da velocidade e o "fetiche pelo furo" (MORETZSOHN, 2002 apud TERUEL; PRIOR, 2021), torna-se um motor autopropulsor desse ciclo aceleratório, contribuindo para a efemeridade das notícias e a produção exponencial de "pseudo eventos" – acontecimentos que não merecem a atenção massiva da mídia, como as manchetes sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro passeando de moto ou sendo bicado por emas no Palácio da Alvorada (BOORSTIN, 1964 apud TERUEL; PRIOR, 2021). O excesso de informação e a infodemia são sintomas desse cenário, onde há um "excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis" (OMS, 2020 apud TERUEL; PRIOR, 2021).

O jornalismo tem como valor ser um historiador do tempo presente, buscando gerar conteúdos que permaneçam durando, mas a pressa parece impedir a produção desse tipo de conteúdo (CARNEIRO, 2022). No cenário de aceleração social, a noticiabilidade se altera, transformando o jornalismo político, por exemplo, em uma espécie de *reality-show* dos governantes, onde acontecimentos sem valor político ou jornalístico ganham destaque. A referida "compressão do tempo-espaço" de Harvey intensifica a institucionalização da efemeridade, da volatilidade e da descartabilidade. O jornalismo, ao acelerar seu tempo de produção, gera conteúdos apressados que deixam marcas efêmeras nos leitores.

Uma pesquisa da Comscore (2020 apud TERUEL; PRIOR, 2021) aponta que 66% dos jovens da Geração Z leem notícias de maneira rápida e superficial, e Ciro Marcondes Filho (1986

apud TERUEL; PRIOR, 2021) descreve o fenômeno de "queima" da notícia por superexposição, levando ao esquecimento total. Esse é o "padrão curto-curto", no qual os rastros de memória se apagam rapidamente porque a experiência é dessensualizada e descontextualizada, solicitando apenas os sentidos visual e auditivo (TERUEL; PRIOR, 2021).

O Jornalismo Lento: postura, qualidade e dromoresistência

No Brasil, a academia se mobilizou para investigar este cenário complexo, num movimento delineado por vertentes que incluem o debate teórico-conceitual sobre tempo e aceleração, inovações narrativas multimodais (LONGHI; WINQUES, 2024) e a crítica ao esvaziamento da mediação jornalística diante da pressa (CARNEIRO, 2022). No interior deste debate, o movimento do jornalismo lento surge como uma resposta crítica à cultura da velocidade que permeia o ambiente digital e a prática jornalística contemporânea. Diferente de uma lentidão absoluta, ele representa uma "atitude" ou "postura" de desaceleração em relação à pressa e à agilidade naturalizadas, sendo uma crítica ao regime da velocidade ou uma "dromoresistência" (PRAZERES, 2021) que se contrapõe à "dromocracia", um regime social centrado na velocidade como valor dominante (TRIVINHO, 2007 apud PRAZERES, 2021).

Sua origem remonta a meados da década de 1980 na Itália, com o Movimento *Slow* (HONORÉ, 2005 apud PRAZERES, 2021), que busca promover modos de vida desacelerados em diversas esferas, como alimentação (com o precursor Slow Food), relação com crianças, cidade e medicina. A cultura *slow*, uma contracultura, desafia a cultura *fast* e se baseia em uma relação consciente com o tempo, valorizando o local, o pequeno e o devagar, e promovendo o consumo de produtos "bons, limpos e justos". Esta abordagem gera noções como convivência afetiva, atenção plena, minimalismo e consciência temporal. Para De Masi (2017 apud PRAZERES, 2021), o *slow* é uma "dotação de sentido", um esforço para contrapor o modelo consumista da sociedade industrial e recuperar dimensões perdidas da vida. O Slow Media, uma vertente desse movimento cultural, teve sua origem em um Manifesto de 2010 e inspirou a definição do jornalismo lento como aquele que faz uma crítica à cultura da velocidade (RAUCH, 2018 apud PRAZERES, 2021).

O jornalismo lento privilegia a qualidade em detrimento da quantidade, a profundidade em oposição à superficialidade, e a contextualização em vez da fragmentação. Ele zela por um tempo justo de apuração, busca histórias inéditas de interesse humano e constrói relações de credibilidade e confiança com o público, valorizando a transparência e a sustentabilidade. Sua essência não é um modelo rígido, mas uma lente para analisar as práticas jornalísticas e nutrir a reflexão crítica sobre a aceleração social. Ele pode manifestar-se em qualquer suporte midiático (internet, rádio, televisão), inclusive naqueles identificados com a produção ultrarrápida, pois o que importa é a maneira como se constitui e se manifesta.

Em termos de institucionalização, o jornalismo lento busca operar fora da lógica predominante de mercado orientada pela velocidade, muitas vezes recorrendo a financiamentos independentes. Ao valorizar a comunidade e as histórias de interesse humano, ele tenta reconfigurar a socialidade da comunicação, priorizando o diálogo e o vínculo sobre a disputa pela atenção, resistindo à comodificação da informação.

O papel da Midiatização: contexto para a ressignificação do Jornalismo Lento

A aceleração social do tempo e a midiatização são forças intrinsecamente ligadas na modernidade. A midiatização descreve as transformações estruturais de longo prazo no papel da mídia na sociedade e na cultura contemporâneas, onde a cultura e a sociedade se tornam cada vez mais dependentes das mídias e de suas lógicas.

O sociólogo Stig Hjarvard (2015) distingue a mediação, que se refere ao uso de um meio para comunicação e interação em situações comunicativas específicas, da midiatização, que considera as transformações estruturais de longo prazo no papel da mídia na sociedade e na cultura. Este processo é dual: os formatos de mídia se integram às práticas cotidianas de outras instituições, e a própria mídia adquire o status de instituição semi-independente. A interação social, dentro e entre instituições e na sociedade em geral, cada vez mais envolve a mídia. O efeito acumulado das práticas de trocas mediadas pode representar uma instância da midiatização.

A lógica da mídia, um conceito central na midiatização, alinha-se frequentemente à velocidade, impulsionando a proliferação de dispositivos móveis e a lógica de "tempo real" (ANTUNES 2007 apud TERUEL; PRIOR, 2021). O jornalismo "fast" é um expoente claro dessa midiatização acelerada, priorizando o “furo”, a brevidade e o excesso de informação, o que pode levar à desinformação e superficialidade (PRAZERES, 2021).

A busca por narrativas mais densas e engajadoras em movimentos de resistência a esse *status quo*, como o jornalismo lento, explora as "*affordances*" dos ambientes digitais, ou seja, os recursos necessários para a interação proporcionados por determinado suporte (HJARVARD, 2015), de uma maneira que subverte o *timing* acelerado, buscando construir vínculos e promover a compreensão em vez da mera transmissão de dados. Isso demonstra como a mediação, através de escolhas conscientes sobre o uso das tecnologias e suas *affordances*, pode reorientar a midiatização para fins mais reflexivos e humanos.

Observação e análise de veículos selecionados

Levando essa base teórica em consideração, foi realizado um estudo comparativo por meio da observação de dois veículos jornalísticos que se posicionam em polos opostos do "velocímetro": o g1 (portal de notícias com atualizações constantes e formato fragmentado) e o site da Revista piauí (que se propõe a um jornalismo aprofundado e contextualizado). No estudo, primeiro foram delimitadas categorias e elementos que determinam quão veloz é a produção e o formato do conteúdo, com o fim de levantar *insights* a respeito da efetividade, das implicações e dos efeitos da implementação desses diferentes modelos. Depois, o fluxo e o conteúdo dos dois sites selecionados foi acompanhado durante uma semana (entre os dias 5 e 11 de novembro), com o fim de coletar material para análise.

Além das fontes já mencionadas, também serão consideradas nas análises as colaborações de Longhi e Winques (2024) e Melo (2018). As primeiras exploram inovações narrativas no jornalismo digital, como *longform* multimodal (texto, áudio e visual), como um exemplo prático de consolidação do jornalismo lento. Gênero jornalístico consolidado, o *longform* se caracteriza

pela profundidade, complexidade e imersividade das narrativas, exigindo uma leitura mais lenta e essencialmente multimídia. Essa é uma das lentes que irá orientar a análise dos aspectos “lentos” de ambos os veículos selecionados - assumindo que, mesmo identificados em polos opostos do espectro dromocrático, nenhum dos dois é necessariamente “puro”, e pode apresentar configurações relativamente mistas.

Já Melo se apropria do "Paradoxo da Aceleração" de Colville (2016), o qual indica que, embora a rapidez promova superficialidade, ela abre espaço para iniciativas que combinam instantaneidade e análise aprofundada, criando ao mesmo tempo agilidade e contexto para as notícias diárias, prenunciando formatos híbridos de jornalismo lento. Essa será uma chave de interpretação dos elementos mais “velozes” encontrados nos mesmos veículos, também considerando um eventual hibridismo em seus formatos.

As categorias definidas para a análise são as seguintes:

1. Frequência de Atualização: Medida da instantaneidade e efemeridade na publicação de notícias. Esse fator reflete o imediatismo e o ciclo aceleratório já mencionados, embora seja importante considerar a natureza da notícia e qual velocidade cada contexto pede.
2. Breaking News: Foco em notícias de última hora, resultado de um "fetiche do furo" que abraça a lógica da velocidade e transformam o jornalismo em um motor autopropulsor do ciclo aceleratório
3. Presentismo e Contexto Histórico: Prioridade do "agora" em detrimento do sentido histórico, resultando em descontextualização e fragmentação - considerando a compressão do presente causada pela aceleração social do tempo.
4. Pseudo-Eventos: Análise da cobertura de acontecimentos produzidos ou promovidos artificialmente, que transformam a política e o debate público em “reality-shows”.
5. Profundidade vs. Superficialidade: Comparação do nível de detalhe e análise oferecido.
6. Formato e Gênero Narrativo: Análise do uso de formatos longos (longform), que se caracterizam pela profundidade, complexidade e imersividade, assim como elementos multimídia (combinação texto, áudio e visual).

7. Histórias Inéditas: Foco na investigação e na busca por histórias inéditas de interesse humano, em vez da mera reportagem de eventos imediatos.
8. Modelo de Monetização: Comparação dos modelos de financiamento e sustentação econômica, visando avaliar a viabilidade (faturamento) de modelos como assinaturas/programas de membros e o impacto da publicidade para sustentar investigações longas e imersivas.

g1: um retrato do Paradoxo da Aceleração

O material do g1 revela uma estratégia de conteúdo que tenta equilibrar o jornalismo acelerado com reportagens de profundidade e contexto histórico, utilizando formatos multimídia. Por mais que o volume de publicações seja elevado, chegando às centenas por dia, fatos objetivos tendem a produzir notícias curtas (e seus desdobramentos são explorados em publicações subsequentes, numa cobertura fragmentada), enquanto temas densos levam à produção de textos mais completos.

Nos termos das Categorias 1 e 2, o g1 demonstra ser um termômetro do estado da sociedade, com notícias frequentemente atualizadas em minutos (como a eleição de Zohran Mamdani[4] ou a queda de um avião em Louisville[5]), confirmando sua adesão ao ciclo aceleratório e ao imediatismo.

Quanto à Categoria 3, o portal evita a descontextualização completa. Embora a cobertura de acidentes e eventos de última hora seja presentista, matérias como a análise da foto da

[4] BISCHOFF, Wesley. **Democrata Zohran Mamdani é eleito prefeito de Nova York e impõe derrota política a Trump**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/11/04/democrata-zohran-mamdani-e-eleito-prefeito-de-nova-york-e-impoe-derrota-politica-a-trump.ghtml

[5] G1. **Avião de carga de grande porte cai em Louisville, nos EUA; 7 pessoas morreram**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/11/04/aviao-de-carga-de-grande-porte-cai-em-louisville-kentucky.ghtml

desigualdade em Paraisópolis/Morumbi[6] e a aprovação da isenção do Imposto de Renda (IR)[7] buscam o sentido histórico, detalhando a origem da ocupação na favela (anos 1970) e a contextualização da isenção do IR como promessa de campanha de 2022.

A cobertura de fato inclui pseudo-eventos de alto apelo popular e baixa relevância social intrínseca, como apontado descrito na Categoria 4: por exemplo, uma reportagem sobre a maior e mais brilhante superlua do ano[8] e uma notícia sobre um voluntário que danificou uma obra de arte ao tentar limpá-la[9], que se encaixam na lógica do excesso de informação.

Na dimensão da Categoria 5, o g1 mostra um comportamento dual: enquanto eventos urgentes (como a notícia sobre a destruição causada por um tornado no Paraná[10]) são relatados de forma concisa, outras matérias oferecem alta profundidade e detalhamento analítico. É o caso de uma explicação detalhada sobre o que são biomarcadores sanguíneos para o diagnóstico de doenças cardíacas[11].

---

[6] ACAYABA, Cíntia; PAIVA, Deslange. **De baixo para cima: o outro ângulo da foto histórica da desigualdade social de Paraisópolis/Morumbi**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/11/06/de-baixo-para-cima-o-outro-angulo-da-foto-historica-da-desigualdade-social-de-paraisopolismorumbi.ghtml

[7] LIMA, Kevin; CASSELA, Vinícius; CURCINO, Sara. **Senado aprova o projeto que isenta do IR quem ganha até R$ 5 mil por mês**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/11/05/senado-aprova-o-projeto-que-isenta-do-ir-quem-ganha-ate-r-5-mil-por-mes.ghtml

[8] PEIXOTO, Roberto. FOTOS: **Maior e mais brilhante superlua do ano é observada nesta quarta**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2025/11/05/fotos-maior-e-mais-brilhante-superlua-do-ano-e-observada-nesta-quarta.ghtml

[9] G1. **Voluntário de museu danifica obra de arte após tentar limpar espelho**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/11/11/voluntario-de-museu-danifica-obra-de-arte-apos-tentar-limpar-espelho.ghtml

[10] BISCHOFF, Wesley; BUDEL, Caio. **Tornado causa destruição e deixa 6 mortos e 750 feridos no Paraná**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2025/11/07/temporal-causa-destruicao-no-parana.ghtml

[11] CARVALHO, Júlia. **Três sinais no sangue que podem revelar o risco oculto de doenças do coração, segundo estudo**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/11/05/tres-sinais-no-sangue-que-podem-revelar-o-risco-oculto-de-doencas-do-coracao-segundo-estudo.ghtml

Seu formato e gênero narrativo, critérios da Categoria 6, demonstram a adoção de elementos multimodais. As reportagens são ricas em vídeos e imagens (como nos casos do avião e da Superlua), além de incorporar infográficos e listas para estruturar informações complexas (como o itinerário da viagem de ônibus mais longa do Brasil[12]). A reportagem sobre Paraisópolis também utiliza uma narrativa visual extensa e imersiva.

Em relação à Categoria 7, o g1 equilibra o relato de eventos imediatos com a busca por histórias de interesse humano, como uma reportagem sobre a empresa que transforma larvas de mosca em petiscos para cachorros[13], ou uma investigação científica sobre o impacto do fluxo de barcos na população de baleias azuis no Chile[14].

Por fim, o modelo de monetização, ponto indicado pela Categoria 8, é claramente orientado pela publicidade, com a presença de diversos espaços para anúncios personalizados de acordo com os dados do usuário. O veículo promove o acesso ao seu conteúdo via aplicativo "em tempo real e de graça", o que indica que a sustentabilidade financeira do site depende primariamente da receita publicitária, não de um programa de assinaturas.

Revista piauí: Jornalismo Lento como manda o figurino

O material reunido da Revista piauí demonstra um alinhamento significativo com as características associadas ao jornalismo lento, conforme definido nas categorias de análise.

[12] ROMAGNA, Duda. **Três dias na estrada: como é a viagem de ônibus mais longa do Brasil, do RS ao Pará**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2025/11/10/tres-dias-na-estrada-como-e-a-viagem-de-onibus-mais-longa-do-brasil-do-rs-ao-para.ghtml

[13] PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS. **Moscas para cachorros? Empresa transforma larvas em petiscos e fatura R$ 18 mil por mês**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/empreendedorismo/pegn/noticia/2025/11/06/empresa-transforma-larvas-em-petiscos-e-fatura-r-18-mil-por-mes.ghtml

[14] CASEMIRO, Poliana. **Durante sete dias, um ponto azul tenta escapar de centenas de barcos: o drama de baleia no Chile; VÍDEO**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/11/05/durante-sete-dias-um-ponto-azul-tenta-escapar-de-centenas-de-barcos-o-drama-de-baleia-no-chile-video.ghtml

O conteúdo do veículo se distancia claramente da frequência de atualização elevada e do ciclo aceleratório sugeridos na categoria 1. Não há "notícias de última hora", como aponta a Categoria 2, mas sim reportagens apuradas com tempo largo, indicando uma priorização da qualidade e do tempo de maturação da notícia sobre a instantaneidade e a efemeridade.

Em relação à Categoria 3, a revista demonstra um forte compromisso com a contextualização, rejeitando o presentismo que resulta em descontextualização e fragmentação da informação. Artigos como "Um poema ainda existe?"[15], sobre homenagens a Che Guevara em Cuba, e "O clube não era na esquina"[16], sobre o projeto musical formado por integrantes como Lô Borges e Milton Nascimento, utilizam o contexto histórico para fornecer sentido às narrativas contemporâneas. Mesmo em questões políticas e ambientais, como a análise da COP30 e do Fundo Florestal[17], o contexto político, social e econômico é detalhadamente explorado.

No quesito de pseudo-eventos, da Categoria 4, os temas abordados nas matéria são de alta relevância social, ambiental e política, como corrupção no judiciário ("Como esposa do lobista triunfou no STF"[18]), questões climáticas globais ("Um tesouro ameaçado na vizinhança da COP30"[19]), e análise de ativismo político e racismo sistêmico[20]. A cobertura se concentra em

[15] UZÊDA, André. **Um poema ainda existe?**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/um-poema-ainda-existe/

[16] ARANTES, Silvana. **O clube não era na esquina**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/materia/o-clube-nao-era-na-esquina/

[17] TAVARES, Pedro. **O caminho do dinheiro para a floresta**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/o-caminho-do-dinheiro-para-a-floresta/

[18] PIRES, Breno. **Como esposa do lobista triunfou no STJ**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/como-esposa-do-lobista-triunfou-no-stj/

[19] ESTEVES, Bernardo. **Um tesouro ameaçado na vizinhança da COP30**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/grande-recife-foz-do-amazonas-expedicao/#:~:text=O%20navio%20oceanogr%C3%A1fico%20Ci%C3%AAncias%20do,sobre%20Mudan%C3%A7a%20Clim%C3%A1tica%2C%20a%20COP30.

[20] BALDRAIA, Fernando. **As políticas de diversidade na berlinda**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/as-politicas-de-diversidade-na-berlinda/

acontecimentos que merecem atenção massiva, evitando a cobertura de pseudo-eventos que promovem a superficialidade ou transformam a política em *reality-show*.

A característica mais marcante do material é a sua profundidade, como sinalizado na Categoria 5. As reportagens são extensas e ricas em detalhes e análises, como visto nas matérias sobre o STJ e o funcionamento do fundo florestal. Isso se opõe diretamente à Superficialidade e alinha-se com o valor do jornalismo lento.

Tópico da Categoria 6, o formato/gênero narrativo empregado é o longform, caracterizado pela complexidade e imersividade. Os textos são densos e exigem uma leitura mais lenta. Além do texto, há a presença de poucos elementos multimodais, mas podem ser vistos em casos como o da matéria "Procura-se um líder"[21], onde há presença de um áudio player de um podcast vinculado a notícia.

A revista valoriza a investigação e a busca por histórias inéditas de interesse humano, como é proposto pela Categoria 7. Isso é evidente nas reportagens investigativas, como a denúncia da concentração atípica de processos no gabinete do STJ, e nas reportagens que resultam de apuração *in loco* na COP30.

Por último, a recorrência de paywalls e a mensagem "Só para assinantes piauí" que aparece para os usuários em algumas matérias demonstram como a revista utiliza um modelo de monetização baseado em assinaturas - aliado aos tradicionais anúncios direcionados. Esse modelo é fundamental para sustentar economicamente reportagens longas e investigativas, validando a viabilidade de um jornalismo que prioriza a profundidade em detrimento da velocidade.

Considerações finais

A pesquisa em jornalismo lento no Brasil articula reflexões sobre múltiplos aspectos da produção jornalística, formando um campo interdisciplinar que recorre a variadas áreas do

[21] ESTEVES, Bernardo. **Procura-se um líder**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/materia/as-contradicoes-da-politica-ambiental-de-lula-as-vesperas-da-cop/

conhecimento. A combinação de eixos como a postura reflexiva, os formatos práticos e o foco na mediação histórica revela um movimento ainda em formação, mas com aportes sólidos. O jornalismo lento se configura como um "dique simbólico de contenção da infoxicação" e um olhar para a "forma de fazer jornalismo de qualidade em distintos gêneros e formatos, empenhando o 'tempo giusto' para garantir à audiência produtos de qualidade" (BENAISSA, 2017 apud PRAZERES, 2021).

Entende-se que a aceleração social do tempo e a midiatização descrevem o estado atual e as forças estruturais que moldam o campo comunicacional, com seus desafios como o excesso de informação, a superficialidade e a disseminação de *fake news* e desinformação. O g1 é, em parte, um retrato desse momento, com uma produção jornalística volumosa e fragmentada. Por outro lado, o jornalismo lento é visto como um conjunto de práticas, atitudes e caminhos alternativos para navegar e resistir a esse cenário, refletido quase integralmente no funcionamento da piauí e com algumas correspondências no g1 - o que não era esperado no início da pesquisa, tendo em vista sua produção popular e em larga escala, mas é coerente com a abordagem de Melo (2018). As mediações concretas – como o uso de formatos longos e a ênfase na apuração – têm se colocado como as "engrenagens" pelas quais o jornalismo lento busca desacelerar a midiatização da velocidade, fomentando um jornalismo mais reflexivo, aprofundado e capaz de gerar ressonância e vínculo.

Acreditamos que o futuro desta linha investigativa passa por estudos empíricos que avaliem, por exemplo, a viabilidade econômica de redações desaceleradas, considerando o fortalecimento recente de modelos de monetização como assinaturas e programas de membros. É crucial verificar se esses modelos são capazes de sustentar investigações longas e imersivas sem sucumbir à pressão do retorno do investimento de curto prazo.

Outro fator a ser analisado é a incorporação de aspectos do jornalismo lento em redações tradicionais, em formatos híbridos, como um caminho para mitigar os efeitos da aceleração generalizada e promover mais contextualização e conexão com o público. Além disso, a recepção desses formatos e o impacto real na qualidade da informação pública são pontos-chave para

aprofundar a discussão da relevância do jornalismo lento dentro e fora da academia, pensando até que ponto ele pode avançar antes de ser obstruído pelo (ou superar o) processo de aceleração generalizado que afeta a sociedade como um todo.

Referências

ACAYABA, Cíntia; PAIVA, Deslange. **De baixo para cima: o outro ângulo da foto histórica da desigualdade social de Paraisópolis/Morumbi**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/11/06/de-baixo-para-cima-o-outro-angulo-da-foto-historica-da-desigualdade-social-de-paraisopolismorumbi.ghtml

ARANTES, Silvana. **O clube não era na esquina**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/materia/o-clube-nao-era-na-esquina/

BALDRAIA, Fernando. **As políticas de diversidade na berlinda**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/as-politicas-de-diversidade-na-berlinda/

BISCHOFF, Wesley. **Democrata Zohran Mamdani é eleito prefeito de Nova York e impõe derrota política a Trump**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/11/04/democrata-zohran-mamdani-e-eleito-prefeito-de-nova-york-e-impoe-derrota-politica-a-trump.ghtml

BISCHOFF, Wesley; BUDEL, Caio. **Tornado causa destruição e deixa 6 mortos e 750 feridos no Paraná**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2025/11/07/temporal-causa-destruicao-no-parana.ghtml

CARNEIRO, Cristine Gerk Pinto. Jornalismo e a falta de tempo: como a pressa na produção pode impactar o histórico papel de mediação. **Paradoxos**, Vol. 7, 2022, pp. 124-137.

CARVALHO, Júlia. **Três sinais no sangue que podem revelar o risco oculto de doenças do coração, segundo estudo**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/11/05/tres-sinais-no-sangue-que-podem-revelar-o-risco-oculto-de-doencas-do-coracao-segundo-estudo.ghtml

CASEMIRO, Poliana. **Durante sete dias, um ponto azul tenta escapar de centenas de barcos: o drama de baleia no Chile; VÍDEO**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/11/05/durante-sete-dias-um-ponto-azul-tenta-escapar-de-centenas-de-barcos-o-drama-de-baleia-no-chile-video.ghtml

ESTEVES, Bernardo. **Procura-se um líder**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/materia/as-contradicoes-da-politica-ambiental-de-lula-as-vesperas-da-cop/

ESTEVES, Bernardo. **Um tesouro ameaçado na vizinhança da COP30**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/grande-recife-foz-do-amazonas-expedicao/#:~:text=O%20navio%20oceanogr%C3%A1fico%20Ci%C3%AAncias%20do,sobre%20Mudan%C3%A7a%20Clim%C3%A1tica%2C%20a%20COP30.

G1. **Avião de carga de grande porte cai em Louisville, nos EUA; 7 pessoas morreram**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/11/04/aviao-de-carga-de-grande-porte-cai-em-louisville-kentucky.ghtml

G1. **Voluntário de museu danifica obra de arte após tentar limpar espelho**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/11/11/voluntario-de-museu-danifica-obra-de-arte-apos-tentar-limpar-espelho.ghtml

GUEDES, Eduardo Rosa; STORCH, Laura Strelow. Sociologia da relação com o mundo: fundamentos críticos e fenomenológicos da obra de Hartmut rosa. **Século XXI: Revista de Ciências Sociais**, Vol 14, 2024, pp. 77-101.

HJARVARD, Stig. Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias. **Revista FAMECOS**, Vol. 22, 2015, pp. 51-62.

LAROSSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Vol. 19, 2002, pp. 20-28.

LIMA, Kevin; CASSELA, Vinícius; CURCINO, Sara. **Senado aprova o projeto que isenta do IR quem ganha até R$ 5 mil por mês**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/11/05/senado-aprova-o-projeto-que-isenta-do-ir-quem-ganha-ate-r-5-mil-por-mes.ghtml

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. A evolução multimodal do longform: formatos digitais que consolidam o jornalismo lento. ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 33. Niterói: **Anais...** UFF, 23 a 26 de julho de 2024.

MELO, Mônica Chaves de. Mais rápido e mais devagar: como o paradoxo da aceleração afeta o ciclo de notícias do jornalismo. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MIDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, 2. São Leopoldo: **Anais...** PPGCC-Unisinos, 8 a 12 de abril de 2018.

PEIXOTO, Roberto. FOTOS: **Maior e mais brilhante superlua do ano é observada nesta quarta**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2025/11/05/fotos-maior-e-mais-brilhante-superlua-do-ano-e-observada-nesta-quarta.ghtml

PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS. **Moscas para cachorros? Empresa transforma larvas em petiscos e fatura R$ 18 mil por mês**, 2025. Disponível em:

https://g1.globo.com/empreendedorismo/pegn/noticia/2025/11/06/empresa-transforma-larvas-em-petiscos-e-fatura-r-18-mil-por-mes.ghtml

PIRES, Breno. **Como esposa do lobista triunfou no STJ**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/como-esposa-do-lobista-triunfou-no-stj/

PRAZERES, Michelle. Jornalismo slow: uma tipificação (in)oportuna? INTERCOM, 44. **Anais…** Virtual, 4 a 9 de outubro de 2021.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Digital News Report 2024**. Oxford: University of Oxford, 2024.

ROMAGNA, Duda. **Três dias na estrada: como é a viagem de ônibus mais longa do Brasil, do RS ao Pará**, 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2025/11/10/tres-dias-na-estrada-como-e-a-viagem-de-onibus-mais-longa-do-brasil-do-rs-ao-para.ghtml

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2. ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

TAVARES, Pedro. **O caminho do dinheiro para a floresta**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/o-caminho-do-dinheiro-para-a-floresta/

TERUEL, Caio; PRIOR, Helder. O jornalismo em face da aceleração social do tempo. **Extraprensa**, Vol. 14, 2021, pp. 24-42.

UZÊDA, André. **Um poema ainda existe?**, 2025. Disponível em: https://piaui.uol.com.br/um-poema-ainda-existe/